

PREVALÊNCIA DO USO DE ÁLCOOL ENTRE ACADÊMICOS DE UM CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VÁRZEA GRANDE – MT

Ana Paula Vulpi¹; Daniele Laura Abreu Fernandez¹; Ellen Karen de Arruda¹;
Itallo Bruno Santana Souza¹; Márcia Adriani Gussão Emerich Portes¹; Prof.^aDr^a
Naiara Gajo Silva²

¹Discentes do curso de Enfermagem do Centro universitário de Várzea Grande (UNIVAG)

²Doutora em Ciências da Saúde. Docente de Ensino Superior do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG)

RESUMO

Este estudo teve como objetivo verificar a prevalência do uso de álcool entre os acadêmicos da área da saúde de um centro universitário de Várzea Grande, segundo características sociodemográficas e clínicas. **Método:** Estudo quantitativo, descritivo, transversal; foi realizado com 1024 estudantes da área da saúde de um Centro Universitário de Várzea Grande. Foram auto aplicados os seguintes instrumentos: 1) questionário de caracterização socioeconômica e clínica, 2) a escala Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT). A coleta de dados teve início após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e autorização dos gerentes responsáveis pelos cursos no centro universitário. Todos os participantes foram informados verbalmente sobre os objetivos da pesquisa, modo de participação na pesquisa, riscos e benefícios para que pudessem decidir pela participação ou não na pesquisa. Eles também receberam o termo de consentimento livre e esclarecido e a coleta só teve início após a assinatura do mesmo. Os dados foram tabulados em uma planilha no programa Excel, e analisados por meio de estatísticas descritiva. **Resultados e Discussão:**A prevalência do consumo do álcool entre os universitários de um centro universitário de Várzea Grande foi de 77,4%, considerando o uso de baixo risco. **Conclusão:** Ficou evidente a necessidade de ações educativas para a promoção da saúde do estudante universitário, inclusive prevenindo o consumo de álcool e outras substâncias, para que, além de cuidar da sua saúde, os sujeitos tenham conhecimentos necessários para informar, educar e promover a saúde da população.

Palavras-chave: Alcoolismo; Universitários; Saúde; Prevalência.

INTRODUÇÃO

A prevalência mundial do consumo de substâncias psicoativas cresce cada vez mais a cada ano. No Brasil, o álcool é a substância mais consumida pelos jovens, seguida pelo tabaco e maconha. Dados do II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas, realizado nas 108 maiores cidades do Brasil, mostram que 74,6% dos participantes fizeram uso de álcool na vida e que 12,3% destes eram dependentes de álcool. Em números absolutos, isso significa, que a estimativa de dependentes de álcool corresponde à 5.799.005 pessoas (CARLINI et al., 2007).

O álcool é a substância mais utilizada entre os universitários, com aproximadamente 90% tendo relatado o consumo na vida. Nota-se que a partir da análise dos dados do I Levantamento Nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários

das 27 capitais brasileiras, que grande parte dos universitários (72%) relataram o consumo no último ano e 60,5% beberam no mês que antecedeu a pesquisa, o que mostra que o consumo de bebidas alcoólicas é um comportamento frequente e repetido entre a maioria dos estudantes. O ingresso na universidade traz um período de maior autonomia e possibilita novas experiências aos jovens; para alguns, constitui-se um momento de maior vulnerabilidade e, portanto, maior suscetibilidade ao uso de substâncias, bem como aos prejuízos decorrentes do mesmo (BRASIL, 2010).

Quando os jovens ingressam na universidade, muitas vezes eles se afastam do seu círculo de relacionamentos familiares e sociais, o que pode desencadear situações de crise e busca de estratégias para enfrentar essa situação. A literatura científica tem demonstrado que os estudantes universitários são mais vulneráveis ao consumo de bebidas alcoólicas, pela oferta demasiada de festas e locais de lazer com venda livre de bebidas alcoólicas. Um estudo realizado em São Paulo, Brasil, com estudantes da área da saúde, evidenciou que quanto maior a frequência em festas, maior o consumo de bebidas (PELICOLI et al, 2017).

Soma-se a isso a probabilidade que os estudantes universitários da área da saúde se tornem profissionais dependentes ou com uso problemático de álcool. Também parte do pressuposto de que o profissional da saúde serve de modelo para seus pacientes e colegas de profissão (BRASIL, 2010).

O alcoolismo é visto como um sério problema social, que afeta a todas as classes indistintamente e em especial tem se tornado um desafio para a Saúde Pública pois nos serviços de saúde, constata-se o aumento da demanda de profissionais com problemas relacionados ao uso de álcool (OLIVEIRA, 2009).

O uso prejudicial de bebidas alcoólicas é um sério problema de saúde pública que tem aumentado progressivamente, facilitado pelo baixo preço e fácil acesso. A mortalidade e as limitações funcionais causadas pelo alcoolismo são maiores que as produzidas pelo tabagismo, trazendo altos custos ao sistema de saúde, em função das morbidades ocasionadas serem caras e de difícil manejo (MONTEIRO et al., 2011).

Não foram encontrados dados epidemiológicos na cidade de Várzea Grande - MT sobre o uso de álcool entre universitários, o que aponta a necessidade da produção de tais dados epidemiológicos.

Diante de todos os aspectos citados sobre o uso do álcool relacionado aos prejuízos econômicos e social, e também aos malefícios à saúde, faz-se necessário realizar estudos que produzam dados sobre a prevalência do uso abusivo de álcool entre acadêmicos de um centro universitário em Várzea Grande, para que sejam realizadas ações preventivas quanto aos prejuízos causados pelo consumo do álcool; que sejam úteis para orientar a gestão

universitária no que tange a qualidade e capacidade de aprendizado dos acadêmicos e da saúde dos mesmos.

Sendo assim, o presente estudo, objetivou verificar a prevalência do uso de álcool entre os acadêmicos da área da saúde em um Centro Universitário de Várzea Grande, segundo características socioeconômicas e de saúde.

METODOLOGIA

Foi realizado um estudo quantitativo, descritivo e transversal com 1024 acadêmicos da área da saúde de um centro universitário de Várzea Grande, distribuídos nos cursos de Enfermagem, Medicina, Biomedicina, Psicologia, Nutrição, Educação Física, Odontologia, Fonoaudiologia, Serviço Social.

Foram incluídos alunos regularmente matriculados nos cursos da área da saúde da instituição, com 18 anos ou mais e que concordaram participar de forma voluntária.

Foram excluídos no estudo, alunos em regime domiciliar, alunos faltantes, licença maternidade.

A seleção dos participantes se deu por conveniência, respeitando os critérios de inclusão e exclusão.

A coleta se deu por meio de um questionário auto aplicado, composto por um instrumento de caracterização e da escala ALCOHOL USE DISORDERS IDENTIFICATION TEST (AUDIT), no período de 29 de outubro à 09 de novembro de 2018.

As variáveis do estudo são:

Variáveis Socioeconômicas: idade, sexo, escolaridade, situação laboral, estado civil, renda familiar, cor da pele e religião.

Variáveis Clínicas: história individual e familiar de uso de álcool, características individuais de personalidade e enfrentamento.

Para análise estatística, foi utilizado o programa Epi Info™ para Windows. A variável dependente do estudo foi o uso de álcool, classificado para a prevalência do uso de risco de álcool como dicotomicamente (Sim/Não) e por faixa de risco para distribuição da população.

O uso abusivo de álcool equivale ao score maior ou igual a 08 pontos na escala Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT). As variáveis quantitativas foram mensuradas por meio de média e desvio-padrão e as variáveis qualitativas por meio de frequências absolutas e relativas. Foi realizado o cálculo de prevalência para identificar o uso de álcool, considerando a fórmula a seguir:

$$\text{Taxa de Prevalência} = \frac{\text{Nº de participantes com score do AUDIT} > 7}{\text{População Coletada}} \times 1000$$

Fonte: (PITANGA, 2008)

Este projeto foi construído e executado conforme a resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com seres humanos do Centro Universitário de Várzea Grande em outubro de 2018, conforme parecer número nº 2899.57 (Anexo 1).

Após a aprovação pelo CEP, os gestores responsáveis pelo GPA foram informados sobre o início da pesquisa e a operacionalização da pesquisa foi acordada com os coordenadores de curso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Características clínicas e socioeconômicas influenciam o padrão de uso por isso é importante conhecer o perfil da amostra para melhor interpretação dos resultados de prevalência.

Participaram da pesquisa 1024 acadêmicos da área da saúde de nove cursos. A média de idade foi de 24.7 anos (DP – 5,23), prevaleceu a faixa de 18 a 24 anos totalizando 53.8%, 68.5% eram do sexo feminino, 67.5% eram solteiros, 40,3% tinham renda familiar entre dois e quatro salários mínimos e 45.0% se declararam de cor parda (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição dos participantes da pesquisa segundo características socioeconômicas. Várzea Grande- MT, 2018

Variável	n	%
Sexo		
Mulheres	701	68.5
Homens	323	31.5
Faixa etária		
18 – 24 anos	559	54.4
25 – 32 anos	399	38.6
33 – 39 anos	41	4.5
40 anos ou mais	25	2.5
Estado civil		
Casado (a)	304	29.6
Solteiro (a)	691	67.5
Outros	29	2.9

Continua...

Continuação...

Tabela 1 – Distribuição dos participantes da pesquisa segundo características socioeconômicas

Possuem outro ensino superior		
Sim	106	10.4
Não	918	89.6
Renda familiar		
Até 2 salários mínimos	192	18.6

Entre 2 e 4 salários mínimos	413	40.0
Entre 4 a 10 salários mínimo	186	18.2
Entre 10 e 20 salários mínimos	154	15.4
Mais de 20 salários mínimos	79	7.5
Cor da pele		
Branca	393	38.4
Parda	461	45.0
Amarela	88	8.6
Preta	74	7.2
Indígena	08	0.8
Trabalha		
Sim	316	30.9
Não	708	69.1
Possui religião		
Sim	529	51.7
Não	495	48.3

Fonte: Dados da pesquisa

Nota-se que a população de universitários que participaram da pesquisa apresentou um perfil similar ao encontrados em outros estudos brasileiros de prevalência do uso de álcool entre universitários. O sexo feminino prevaleceu na maior parte dos estudos. SILVA et al. (2011) teve sua amostra constituída por 78.3% de mulheres, no estudo de MENDES et al. (2012) foram 62,4%, e no II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas entre universitários o sexo feminino correspondeu à 52.1% (BRASIL, 2010).

Este cenário é corroborado pelo Censo da Educação Superior (INEP, 2013) que mostrou que, em 2014, 57% de matrículas em cursos de graduação superior eram de mulheres (BARRETO et al., 2014).

O consumo de álcool tende a ser menor entre as mulheres (GARCIA, 2015; MACHADO et al., 2017). No estudo de Garcia (2015) a prevalência do consumo abusivo de álcool foi de 44.6% para as mulheres, enquanto o percentual para os homens foi de 55.1%. No presente estudo 68.5% dos participantes eram mulheres, o que provavelmente contribui para uma menor prevalência do uso de álcool.

Em relação a faixa etária, prevaleceu a faixa etária de 18 a 24 anos, o que vai ao encontro dos resultados de estudos realizados com universitários (COSTA et al, 2011), faixa etária essa que é a maior consumidora de álcool (GARCIA, 2015). Chama a atenção os 38.6% de participantes entre 25 e 32 anos, proporção superior as encontradas na realidade brasileira. No I Levantamento Nacional sobre o uso de álcool entre universitários essa faixa etária correspondia à 25.2% dos participantes (BRASIL, 2010). Sendo a idade um fator que influencia o padrão de uso de álcool, essa maior proporção de universitários mais velhos também pode contribuir para uma menor prevalência do uso de álcool.

Em relação à religião, o resultado indica uma proporção maior (51.7%) dos universitários. No estudo de SILVA et al. (2011), realizado em Maceió, com 608 estudantes,

a proporção de pessoas que declararam não ter religião foi de 55.7%. Outro estudo realizado no estado de Minas Gerais obteve uma amostra de 474 universitários, dentre esses 44.5% afirmaram não ter religião (MENDES, 2012). Presume-se que a prática de uma religião que possui valores e normas estabelecidas e compartilhadas rigorosamente, está diretamente relacionado ao menor consumo de substâncias como o álcool(WALLACE et al, 2008).

As variáveis clínicas tendem a serem mais valorizadas no cotidiano das práticas de saúde e são importantes para entender a prevalência tanto do uso nocivo quanto ao uso de risco muito alto. Os dados sobre as condições clínicas são apresentados na tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição dos participantes segundo condições clínicas. Várzea Grande - MT, 2018

Variável	n	%
Diagnóstico de Transtorno Mental		
Sim	418	40.8
Não	606	59.2
Histórico Familiar de Consumo abusivo de álcool		
Sim	383	37.4
Não	641	62.6
Coabita/ mora com alguém que faz uso abusivo de álcool		
Sim	304	29.6
Não	691	67.5
Idade que experimentou álcool Pela primeira vez		
0 – 4 anos de idade*	11	1.0
6 – 8 anos de idade	3	0.3
9 – 11 anos de idade	13	1.3
12 – 13 anos de idade	124	12.1
14 – 16 anos de idade	541	52.8
17 – 18 anos de idade	235	22.9
Acima de 18 anos	97	9.5

*Erro de Preenchimento. Fonte: Dados de pesquisa

Chama a atenção o número de pessoas que declararam ter algum transtorno mental (40,8%).A relação entre uso de álcool e transtornos mentais tem tido destaque na literatura (FERNANDES et al, 2012) e transtornos mentais, como depressão, transtorno bipolar e transtorno de ansiedade são considerados fatores de risco para o uso indevido de substâncias psicoativas, incluindo o álcool (RIBEIRO et al, 2010).

Outros fatores relacionados ao uso de álcool são coabitar com alcoolistas e ter pais que são alcoolistas. No presente estudo verificou-se uma proporção de 29,6% de participantes que coabitam/moram com pessoas que fazem uso de álcool e de 37,4% de

participantes que tinham um histórico de uso abusivo de álcool na família. Segundo estudo de Scheffer (2010), a proporção de participantes da pesquisa com histórico familiar de consumo de álcool foi de 53.3%. O uso de álcool pelos jovens pode estar relacionado à imitação dos comportamentos de outros familiares, bem como vulnerabilidade neurobiológica e predisposição genética para o uso (CAVALCANTE et al, 2012), sendo necessária maior investimento em ações de prevenção do uso abusivo de álcool nessa população.

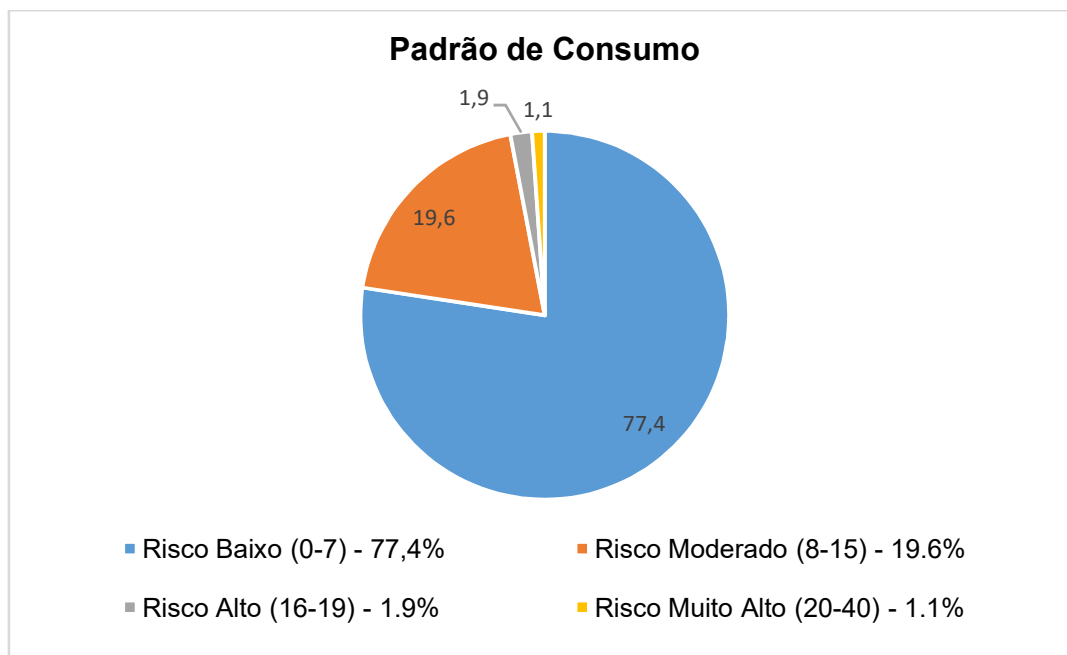
Chamou a atenção o número de universitários que experimentou álcool pela primeira vez entre 14 a 16 anos, 52.8%. Na Bahia uma pesquisa realizada com 1.409 universitários da área da saúde, a experimentação de álcool na 10 a 14 anos foi relatada por 47.0%, na faixa de 15 e 16 anos 51.5% (COSTA, 2007). Em outra cidade do interior da Bahia, relataram ter experimentado bebida alcoólica pela primeira vez com nove anos ou menos 3.0%, de 10 a 13 anos 12.7%, de 14 a 17 anos 48.9%, e 18 anos ou mais 3.6% (MALTA et al, 2012).

Na maioria dos países do mundo o uso do álcool é socialmente aceitável e estimulado. Ao iniciar o consumo de bebida alcoólica precocemente e/ou em excesso, os adolescentes agregam-se aos demais problemas de saúde pública do Brasil, pois quando a estatística mostra um crescimento no número de consumidores dessa substância, maior será a probabilidade desses indivíduos ficarem suscetíveis às consequências biopsicossociais desse uso (SILVA, 2015).

Segundo o último Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil realizado pelo (CEBRID), 74,6% dos brasileiros já fizeram uso de álcool alguma vez na vida. Os dados de prevalência de álcool entre universitários variam na literatura, mas na maioria deles o consumo de baixo risco predomina (PINHEIRO et al, 2017). Apesar disso, a prevalência do uso abusivo de álcool é preocupante considerando os riscos atrelados ao beber abusivamente (FERRAZ et al, 2017).

No presente estudo a prevalência do uso de álcool classificada como baixo risco ou abstinência (score AUDIT < 7) foi de 77.4%, enquanto a do uso abusivo (score > 8) foi de 22.6%, prevalecendo, dentre o consumo abusivo o de risco moderado (score de 8-15), conforme apresentado na figura 1.

Figura 01 – Gráfico de distribuição por padrão de consumo de álcool de acordo com o nível de risco do AUDIT.



Fonte: dados da pesquisa

FERREIRA et al. (2013) encontrou uma prevalência do uso abusivo para bebidas alcoólicas, de acordo com o critério AUDIT > 8, de 18,5%.

Os resultados são consoantes a outros estudos realizados em cidades brasileiras. Na Bahia após análise similar, obteve-se uma prevalência de 63.7% para o baixo risco (RIOS et al., 2008). Na região do Nordeste, um estudo realizado com universitários de instituições públicas e privadas, revelou que 79.7% dos universitários fizeram o consumo de álcool de baixo risco (ALMEIDA, 2017). Outro estudo realizado em Curitiba registrou-se o consumo entre 53,7% e 67,6%, (GOMES et al, 2018).

O meio universitário é campo de grande demanda de usuários de álcool e drogas. Um estudo realizado em capitais brasileiras observou que, na faixa etária dos 18 aos 24 anos, esse consumo é mais elevado, tanto para homens como para mulheres. Outro trabalho realizado em mais de cem cidades brasileiras com mais de 200 mil habitantes apontou também que o consumo de álcool é muito relevante na faixa etária de 18 a 24 anos, e que 15,5% dessa população referimos dependência. Em consonância com estes estudos a prevalência deste também apontou para um consumo maior na faixa etária de 18 a 24 anos (72.5%) (BARBOSA, 2016; CAVALCANTE et al, 2012).

O I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e outras Drogas entre Universitários, realizado com amostras de estudantes de 27 capitais brasileiras, evidenciou a prevalência de consumo de álcool para os últimos 12 meses de (77.3%) para os homens e (68.0%) para as mulheres. Em contrapartida o presente estudo apresentou uma discordância quanto aos estudos citados pois teve como prevalência de consumo de álcool (81.2%) do sexo feminino e (69.4%) para os homens (BRASIL, 2010).

Analisando os dados, verificamos uma prevalência maior dos universitários que apresentam baixo risco de danos pelo uso de álcool ou em abstinência de álcool, enquanto a proporção menor foi do risco moderado. Os dados nos reforçam a intervenção do cuidado e da assistência, além de políticas de prevenção do uso nocivo de álcool e estratégias de interferências direcionadas a essa parcela de relação maior de universitários com padrão de uso de risco e com grandes probabilidades de desenvolver problemas relacionados ao consumo do álcool.

A Tabela 3 mostra a associação entre o consumo de álcool e as variáveis socioeconômicas, demográficas e clínicas. O consumo de álcool apresentou uma relação direta com a idade, ou seja, quanto mais novo o acadêmico maior foi a probabilidade de consumo de álcool, sendo assim prevaleceu a faixa de 18 a 24 anos (72.5%), solteiro (a) (72.1%), renda familiar de dois a quatro salários mínimos (86.0%), não ter histórico familiar de consumo de álcool (75.2%) – nível de risco de 0 a 7, 40.3% coabita/mora com pessoas que fazem uso de álcool, e 40.8% tem algum transtorno mental.

Tabela 3 – Variáveis socioeconômicas e clínicas associadas aos níveis de risco. Várzea Grande - MT, 2018

Variáveis	Nível de Risco							
	(Baixo Risco)	(Risco Moderado)	(Risco Alto)	(Risco Muito Alto)				
	0 – 7	8 – 15	16 – 19	20 – 40				
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sexo								
Mulheres	569	81.2	111	15.8	12	1.7	9	1.3
Homens	224	69.4	90	27.9	7	2.2	2	0,6
Faixa etária								
18 – 24 anos	405	72.5	132	23.6	14	2.5	8	1.4
25 – 32 anos	328	82.2	65	16.3	5	1.2	1	0.3
33 – 39 anos	36	87.8	4	9.8	0	0.0	1	2.4
40 anos ou mais	24	96.0	0	0.0	0	0.0	1	4.0
Estado Civil								
Casado(a)	273	89.8	27	8.9	3	1.0	1	0.3
Solteiro(a)	498	72.1	168	24.3	16	2.3	9	1.3
Outros	22	75.9	6	20.7	0	0.0	1	3.4
Renda familiar								
Até 2 salários mínimos	153	79.7	32	16.7	5	2.6	2	1.0
De 2 e 4 salários mínimos	355	86.0	51	12.3	4	1.0	3	0.7
De 4 a 10 salários mínimos	130	69.9	50	26.9	6	3.2	0	0.0
De 10 e 20 salários mínimos	109	70.7	37	24.0	3	2.0	5	3.3
Mais de 20 salários mínimos	46	58.2	31	39.2	1	1.3	1	1.3
Histórico familiar de consumo de álcool								
Sim	311	81.2	60	15.7	8	2.1	4	1.0
Não	482	75.2	141	22.0	11	1,7	7	1.1
Diagnóstico de transtorno mental								
Sim	325	77.6	76	18.3	10	2.4	7	1.7
Não	468	77.2	125	20.6	9	1.5	4	0.7

Fonte: dados da pesquisa

Após a análise dos dados deste estudo é possível evidenciar que a quantidade de mulheres nos dois extremos é proporcionalmente maior, e quanto ao nível de risco de provável dependência a proporção é duas vezes maior.

Estudos realizados mostram que o uso de bebidas alcoólicas se encontra presente na vida de mulheres e que o uso nocivo do álcool tem acometido mulheres de diferentes fatores socioeconômicos (SILVA, 2015). Esses levantamentos vão de encontro com outras literaturas. MALTA et al (2011), após pesquisa realizada com universitários, teve uma prevalência de consumo de baixo risco, sendo 21,7% entre homens e 24,2% entre mulheres.

Segundo OLIVEIRA et al (2012), a prevalência do uso de álcool entre as mulheres ainda é significativamente menor que a encontrada entre os homens quando comparada ao uso de alto risco. Ainda assim, o consumo abusivo e/ou a dependência do álcool traz, reconhecidamente, inúmeras repercussões negativas sobre a saúde física, psíquica e social da mulher.

Como esperado, o presente estudo está em harmonização com a literatura. ALMEIDA, (2008), encontrou um predomínio no consumo de álcool de baixo risco ou abstinência em acadêmicos solteiros (72.1%), em seguida os casados, os divorciados e por último os viúvos.

Outro fator que chamou a atenção ao distribuímos a população por faixa de risco, foi a renda familiar. Um estudo realizado por MALBERGIER et al (2011), as prevalências entre os universitários com renda familiar superior a 40 salários-mínimos mensais apresentaram o maior uso para o álcool (92,2%). Em relação aos universitários cuja renda familiar foi inferior a 10 salários-mínimos mensais obtiveram o menor uso de álcool (75,2%). Observa-se que quanto maior a renda familiar menor a proporção de universitários na faixa de baixo risco, sugerindo que os mesmos com uma renda familiar maior, tem um maior risco relacionado ao uso de álcool, principalmente entre os universitários com renda familiar acima de 20 salários mínimos pelo maior acesso à compra de bebidas alcoólicas.

O consumo de álcool entre os universitários é preocupante, pois acarreta impactos econômicos e sociais, aumentando o índice de abandono dos estudos, necessitando que sejam repensadas as ações e políticas para essa problemática.

Ao identificar a prevalência e a distribuição dos universitários quanto ao uso de álcool por faixa de risco, pode-se apontar variáveis que expõem os mesmos, como os que não possuem ou praticam religião e os que possuem rendas familiares mais elevadas, sendo possível direcionar uma política de conscientização e prevenção para essa população, visto que o ambiente universitário deve ser otimizado para promover discussões, possibilitando oportunidade para debates dos mais variados temas, incluindo a criação de espaços e ambientes permanentes para essa discussão.

Por se tratar de um estudo descritivo e transversal, não possibilita a compreensão das causas dos desfechos observados em relação ao consumo de álcool entre os universitários da área da saúde. Assim, para o discernimento de tais comportamentos, bem como a definição de estratégias para intervir no perfil e práticas de consumo de bebidas alcoólicas, são necessários estudos adicionais com delineamentos apropriados.

CONCLUSÃO

A prevalência do uso de álcool entre os acadêmicos da área da saúde de um centro universitário de Várzea Grande/MT, foi de 77.4%, para abstenção ou baixo risco, seguido pelo uso de risco moderado com uma proporção de 19.6%. O padrão de uso classificado como risco alto e risco muito alto, teve preponderância de 1.9% e 1.1%, respectivamente.

Quanto ao perfil socioeconômico e clínico, prevaleceu mulheres, solteiras (os), faixa etária de 18 a 24 anos com média de idade de 24.7 anos. A maioria dos universitários que participaram da pesquisa declararam não ter outro ensino superior e não trabalham. Em relação a cor da pele predominou a cor parda. A renda familiar que predominou foi de 2 a 4 salários mínimos, e grande parte dos universitários afirmaram ter religião. Já as variáveis clínicas chamaram a atenção os universitários que declararam não ter diagnóstico de transtornos mentais. Não ter histórico familiar de consumo de álcool e não coabitar/morar com pessoas que fazem uso de álcool tiveram maior relevância.

Desse modo, ficou evidente a necessidade de ações educativas para a promoção da saúde do estudante universitário, inclusive prevenindo o consumo de álcool e outras substâncias, para que, além de cuidar da sua saúde, os sujeitos tenham conhecimentos necessários para informar, educar e promover a saúde da população.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nemésio Dario. Uso de álcool, tabaco e drogas por jovens e adultos da cidade de Recife. **Psicologia Argumento**, v. 29, n. 66, 2017.

BARBOSA, Luciano Augusto da Silva. Prevalência do consumo de substâncias psicotrópicas de motoristas de ônibus urbano no Brasil: uma revisão sistemática. 2016.

BRASIL. I levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras. **Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas**, v. 1, 2010.

BRASIL. PNAD - Pesquisa nacional por amostra de domicílios - ESTATÍSTICAS de gênero: uma análise dos resultados do censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. 162 p. (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, n. 33.

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas; GREA/IPQ-HC/FMUSP; organizadores Arthur Guerra de Andrade, Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, Lúcio Garcia de Oliveira. – Brasília: SENAD, 2010. 284 p.

BRASIL; detecção do uso e diagnóstico da dependência de substâncias psicoativas: módulo 3. – 7. ed. – **Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas**, 2014. 68 p.

CARLINI, Elisaldo Araújo et al. II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país. **São Paulo: Cebrid/Unifesp**, 2007.

CAVALCANTE, Danielle Borges et al. Uso de álcool entre acadêmicos de farmácia de uma universidade pública. **Rev. enferm. UERJ**, p. 312-316, 2012.

COSTA, Adriana et al. Caracterização dos padrões do consumo do álcool em estudantes da Universidade de Aveiro. **Interacções**, v. 12, n. 42, 2017.

COSTA, Maria Conceição O. et al. Experimentação e uso regular de bebidas alcoólicas, cigarros e outras substâncias psicoativas/SPA na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, p. 1143-1154, 2007.

FERRAZ, Lucimare et al. O uso de álcool e tabaco entre acadêmicos de uma universidade do sul do Brasil. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 30, n. 1, 2017.

FERREIRA, Luciano Nery et al. Prevalência e fatores associados ao consumo abusivo e à dependência de álcool. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, p. 3409-3418, 2013.

GARCIA, Leila Posenato; FREITAS, Lúcia Rolim Santana de. Consumo abusivo de álcool no Brasil: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde 2013. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, p. 227-237, 2015.

GARRIDO, Maria Clara Tosta et al. PREVALÊNCIA DE ALCOOLISMO E SINTOMAS DEPRESSIVOS EM PACIENTES DA CLÍNICA GERAL NA CIDADE DE SALVADOR-BA. **Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria**, v. 20, n. 1, 2016.

GOMES, Leonardo Silveira et al. Consumo de álcool entre estudantes de medicina do Sul Fluminense–RJ. **Revista de Medicina**, v. 97, n. 3, p. 260-266, 2018.

MACHADO, Ísis Eloah et al. Pesquisa Nacional de Saúde 2013: relação entre uso de álcool e características sociodemográficas segundo o sexo no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 20, p. 408-422, 2017.

MALBERGIER, André VE et al. Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, p. 280-288, 2011.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Exposição ao álcool entre escolares e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, v. 48, p. 52-62, 2014.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Prevalência de fatores de risco e proteção de doenças crônicas não transmissíveis em adolescentes: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), Brasil, 2009. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 3009-3019, 2010.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Prevalência do consumo de álcool e drogas entre adolescentes: análise dos dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 14, p. 136-146, 2012.

MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza et al. Relatos de mulheres em uso prejudicial de bebidas alcoólicas. **Esc Anna Nery**, v. 15, n. 3, p. 567-72, 2011.

OLIVEIRA, Graciele. Z et al. **Consumo abusivo de álcool em mulheres**. 2012.

PELICIOI, Marina et al. Alcohol consumption and episodic heavy drinking among undergraduate students from the health area of a Brazilian university. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 66, n. 3, p. 150-156, 2017.

PINHEIRO, Marcelo de Almeida et al. Prevalência e fatores associados ao consumo de álcool e tabaco entre estudantes de medicina no nordeste do Brasil. **Rev. bras. educ. méd**, v. 41, n. 2, p. 231-239, 2017.

PITANGA, FJ Gondim. Epidemiologia, atividade física e saúde. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 10, n. 3, p. 49-54, 2008.

RIBEIRO, Elaine. **Padrão de consumo de bebidas alcoólicas entre universitários da área da saúde de uma faculdade do interior do Estado de São Paulo**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RIOS, Polianna Alves Andrade. Consumo e uso abusivo de bebidas alcoólicas em estudantes universitários do município de Jequié/BA. **Saúde. com**, v. 4, n. 2, 2016.

RIOS, Polianna Alves Andrade. Consumo e uso abusivo de bebidas alcoólicas em estudantes universitários do município de Jequié/BA. **Saúde. com**, v. 4, n. 2, 2016.

SCHEFFER, Morgana; PASA, Graciela Gema; ALMEIDA, Rosa Maria Martins de. Dependência de álcool, cocaína e crack e transtornos psiquiátricos. **Psicologia: teoria e pesquisa**. Vol. 26, n.3 (jul./set. 2010), p. 533-541, 2010.

SILVA, Maria das Graças Borges da; LYRA, Tereza Maciel. O beber feminino: socialização e solidão. **Saúde em Debate**, v. 39, p. 772-781, 2015.

SILVA, Venancio.A.; MATTOS, H.F. **Os jovens são mais vulneráveis às drogas?** In: PINSKY, I.; BESSA, M.A (orgs). Adolescência e Drogas. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

WALLACE JR, John M. et al. The influence of race and religion on abstinence from alcohol, cigarettes and marijuana among adolescents. **Journal of studies on alcohol**, v. 64, n. 6, p. 843-848, 2003.